

# **O Facebook e os estudantes universitários**

**Função, Interações e  
Contributos da Rede Social**

32230 - Mafalda Silva Barros  
36711- Lara Silva Azevedo  
12ªA

---

## Conteúdo

1. Introdução Geral .....	1
1.1. Justificação da Pertinência do Tema .....	1
1.2. Apresentação Geral do Tema .....	1
1.3. Objetivo do Estudo 1 .....	5
2. Revisão da Literatura do Estudo .....	6
2.1. Construção da escala da paixão no desporto .....	6
3. Estudo 1 – Validação Preliminar da Escala de Paixão no Desporto .....	9
3.1. Participantes.....	9
3.2. Instrumentos .....	9
3.2.1. Apresentação da Escala da Paixão no Desporto .....	9
3.3. Métodos e Procedimentos .....	9
3.4. Procedimentos Estatísticos .....	10
4. Apresentação e Discussão dos Resultados.....	11
4.1. Análise Fatorial Exploratória .....	11
5. Conclusões Do Estudo 1 .....	15
6. Revisão Bibliográfica do Estudo 2 .....	16
6. 1. Conceito de Paixão .....	16
6.2. Conceito de Paixão Harmoniosa e Obsessiva.....	16
6.3. Origem e Desenvolvimento do Conceito de Motivação .....	19
6.4. Teoria dos Objetivos de Realização.....	21
6.5. Estudos Relacionados com a Paixão e os Objetivos de Realização .....	24
7. Estudo 2 – Problemas, Objetivos e Hipóteses.....	28
7.1. Problemas.....	28
7.2. Objetivo do Estudo 2 .....	28
7.3. Hipóteses.....	28

8. Estudo 2 – Comparação entre a paixão no desporto e orientação motivacional.....	30
8.1. Participantes.....	30
8.2. Variáveis .....	30
8.3. Instrumentos.....	31
8.3.1. Apresentação da Escala de Paixão no Desporto .....	31
8.3.2. Apresentação do Questionário de Orientação Motivacional.....	31
8.4. Métodos e Procedimentos.....	31
8.5. Procedimentos Estatísticos .....	31
8.6. Análise e Discussão dos Resultados .....	32
8.6.1. Influência da Idade na Paixão no Desporto e na Orientação Motivacional.....	32
8.6.2. Influência do Escalão de Formação na Paixão do Desporto e na Orientação Motivacional.....	34

## Índice de ilustrações

Figura 1 - 1ª, 2ª e 3ª Análise dos valores de correlação entre fatores e itens.....	12
Figura 2- Análise inicial e final (sem os itens 5,6 e 14) da correlação total itens-fatores.....	13
Figura 3– Processo de Desenvolvimento da Paixão.....	16
Figura 4 - Modelo de Paixão no Desporto.....	17
Figura 5 - Análise descritiva dos participantes do estudo.....	30
Figura 6- Média, Desvio Padrão, Valor t, Variância e Significância e Igualdade de média .....	33
Figura 7- Média, Desvio Padrão, Variância e Significância Anova nos escalões competitivos ...	35
Figura 8- Múltiplas comparações de médias significativas nos escalões.....	36

# 1. Introdução Geral

## 1.1. Justificação da Pertinência do Tema

Na dissertação deste mestrado realizámos dois estudos.

O primeiro estudo pretende contribuir para a validação da Escala de Paixão no Desporto, pois é pouco utilizada no âmbito desportivo, sendo que desta forma poderemos ter acesso ao que sente um atleta face à atividade desportiva (Vallerand et al., 2003).

No segundo estudo pretendemos comparar os tipos de paixão (Paixão Harmoniosa e Paixão Obsessiva) e do Ego e Tarefa em atletas de futsal e de futebol, pois são conceitos que provêm da mesma teoria que é a da Autodeterminação (Biddle, 1999; Roberts, 1992). Assim, julga-se que será interessante verificarmos até que ponto estes constructos diferem uns dos outros. Por fim, iremos comparar as médias dos tipos de paixão e do Ego e da Tarefa nos diferentes escalões e idades, para verificar a sua perceção de Paixão e de Orientação Motivacional.

## 1.2. Apresentação Geral do Tema

A teoria da Autodeterminação deu origem aos conceitos de Objetivos de Realização e de Paixão, por isso iremos verificar o significado deste constructo. A teoria da Autodeterminação baseia-se em três necessidades fundamentais em Seres Humanos: a competência, a autonomia e os relacionamentos (Deci & Ryan, 1985, 2000). Estas necessidades indicam aos sujeitos quais as atividades que lhes dá prazer, estimulando-lhes as internalizações de regulações (autónomas ou controladas) e valores relacionados com essas atividades. A internalização associa-se à personalidade do indivíduo, que sucede através de avaliações, regulações e atividades que se direcionam de forma autónoma ou controlada, isto é, a autónoma porque o sujeito começou a praticar aquela atividade por sua livre vontade, sentindo mais prazer durante a sua prática, dando relevância a novas aprendizagens e ao seu progresso. Já na controlada, a pessoa sente-se obrigada a praticar a atividade por influência de terceiros ou por si

mesmo, criando deste modo a obrigação de praticar essa atividade, sendo que a sua identidade é reforçada pelo sucesso nessa atividade, ou então pela opinião de terceiros. Desta forma, dizemos que a autonomia se associa à paixão harmoniosa e a controlada à obsessiva.

Ntoumanis (2001), na associação entre os Objetivos de Realização e a Autodeterminação, refere que existe uma clara ligação entre estes constructos, pois permitem a manutenção dos objetivos que guiam as necessidades de âmbito psicológico, e que regulam o comportamento da pessoa para se empenhar numa determinada atividade (Maehr, & Nicholls, 1980; Nicholls, 1984, 1989; Ames, 1992; Dweck, 1999). Na Teoria dos Objetivos de Realização temos sujeitos que demonstram envolvimento na Tarefa, denotando uma autopercepção de sucesso, acreditando que a sua habilidade evolui através do conhecimento de novas técnicas, verificando-se um elevado esforço, vontade de aprender e desta forma melhorar o seu rendimento. Todavia, os indivíduos que se dirigem para o Ego comparam-se com os outros na obtenção do sucesso, demonstrando uma atitude normativa e social, pois pensam ser superiores aos outros, estabelecendo a ideia que ao se esforçar menos que os seus colegas conseguem ter resultados similares a eles (Nicholls, 1989). A orientação de objetivos está associada à tendência disposicional para o sujeito se dirigir para a Tarefa ou Ego em contextos de realização (Nicholls, 1989).

Em relação à paixão define-se segundo Vallerand et al., (2008) como sendo a energia que sustenta o empenhamento e a persistência de um indivíduo numa determinada atividade. Um dos tipos de Paixão, de acordo com Vallerand e Miquelon (2007), é a Paixão Harmoniosa (PH) que é escolhida voluntariamente pelo sujeito, ou seja, através de uma internalização autónoma na identidade do indivíduo, pois sente prazer pela atividade desportiva, pratica-a no momento em que desejar e não por questões de reforço da sua identidade pessoal, não sentindo desta forma a obrigação de exercê-la. A outra paixão é a obsessiva (PO) (Vallerand, & Miquelon, 2007), que é construída de acordo com uma internalização controlada na identidade dessa pessoa, através de uma forte motivação que consiste em ganhos como são: o reconhecimento social, o aumento da confiança nas suas capacidades individuais e da sua autoestima (Hodgins, & Knee, 2002). Assim, estas pessoas tornam-se dependentes e são igualmente

controladas por essa atividade desportiva, não conseguindo viver sem a mesma, dado que passa a fazer parte da sua identidade pessoal e da sua consequente afirmação social.

Desta forma, a PH e Tarefa associam-se ao prazer e gozo da prática desportiva e à internalização autónoma da atividade na identidade da pessoa (Deci, & Ryan, 1985, 2000), isto é, associam-se a motivações intrínsecas. No caso da PO e Ego ligam-se às motivações extrínsecas, ou seja, os indivíduos não sentem prazer na atividade praticada, porém procuram uma recompensa externa que a mesma lhes irá proporcionar, ajudando à afirmação da sua identidade verificando-se uma internalização controlada da atividade no seu self, pelo que a perceção do sujeito face à atividade irá dominá-lo e não o contrário.

Passemos agora a diversas investigações (Elliot, & Harackiewicz, 1996; Elliot, 1997), as quais sustentaram a existência dos dois tipos de objetivos de realização.

O primeiro consiste em objetivos de mestria, os quais promovem o desenvolvimento pessoal e a excelência na execução das tarefas; já o segundo designa-se por objetivos de resultado, que se verificam quando os atletas procuram ser competentes através da comparação da sua prestação com a de outras pessoas (procuram confrontar-se com a prestação dos outros), ou então através da fuga, neste caso os desportistas procuram evitar ser incompetentes perto dos seus colegas (tentam fugir da situação de comparação).

No que diz respeito ao processo dos objetivos de realização e ao tipo de paixão, a paixão harmoniosa associa-se a objetivos que são adaptativos, de mestria elevada onde se verificam elevados níveis de focalização na tarefa (Dweck, 1986; Duda, 2001). Em relação à paixão obsessiva, esta prediz uma relação positiva com os objetivos de resultado, de procura de boas performances e de rendimento-evitamento. Enquanto que a paixão harmoniosa está positivamente relacionada com a concentração, flow, e afetos positivos durante a prática da atividade, a paixão obsessiva está negativamente relacionada com estas variáveis (Vallerand et al., 2003; Mageau, Provencher, Ratelle, Rousseau, & Vallerand, 2005).

Com significado oposto está a pressão no atleta, ocorrendo uma internalização controlada quanto à atividade praticada, dado que a paixão obsessiva estimula um conflito no processo regulação, o qual fará o sujeito sentir-se obrigado e esforçar-se para obter sucesso em determinada atividade, incluindo ser o melhor na tarefa, tentar ganhar aos outros, e por fim evitar não fazer pior em relação aos que consigo praticam a mesma atividade.

Vários estudos têm sido realizados neste âmbito em populações de desportistas que praticam modalidades coletivas e individuais (Chian, & Wang, 2006), em atletas inexperientes (Biddle, Chatzisarantis, Spray, Wang, 2006), em desportistas na sua perceção do clima motivacional quanto à relação com os pares (Balaguer, Duda, & Smith 2006), e em estudantes adolescentes chineses de educação física (Há, Lonsdale, Raedeke, Sabiston, & Sum, 2009).

Finalmente, no tipo de relação existente entre a Orientação Motivacional e o Modelo Dualístico de Paixão tivemos acesso a estudos que aprofundaram a associação entre as duas teorias em populações de jovens futebolistas (Abrahamsen, Lemyre, Ommundsen, & Roberts, 2007) e em populações de atletas jovens e em adultos praticantes de distintas modalidades desportivas (Korte, et al., 2009).

Quanto à Escala de Paixão no Desporto, esta foi já aplicada em vários contextos de aplicação e em diversas modalidades desportivas, como são: a escalada e o ciclismo (Vallerand et, al, 2003) no contexto do desporto universitário temos desportistas de natação sincronizada, de hóquei no gelo, de patinagem, de basquetebol (Vallerand, et al, 2006; Donahue, Jowett, Lafreniere, Lorimer, & Vallerand, 2008); em adeptos de futebol (Ntoumanis, Philippe, & Vallerand, 2007; Vallerand, et al., 2009) e nos árbitros de andebol, nas lesões desportivas, no rugby e no futebol (Andrianariosa, & Brunel 2007; Miquelon, & Vallerand, 2007; Vallerand, 2009, Andrianariosa, Brunel, Philippe, & Vallerand, 2009) em atletas de futsal e de futebol e em desportistas de natação (Teixeira, 2009; Cid e Louro, 2010), associação da Yoga com paixão (Carbonneau, Massicotte, & Vallerand, in press) na associação entre a paixão no trabalho e o Burnout (Houliort, & Vallerand, 2003; Fortin, Rip, & Vallerand, 2006; Charest, Paquet, Philippe, & Vallerand, 2010) na relação treinador e atleta (Vallerand, 2008).

No seguimento do exposto passemos à definição do objetivo do estudo 1.

### 1.3. Objetivo do Estudo 1

A caracterização da escala de Paixão no Desporto será realizada, por isso construiremos o nosso objetivo, tendo em conta a revisão bibliográfica que realizaremos mais à frente:

O1 - Analisar a estrutura do instrumento de avaliação.



## 2. Revisão da Literatura do Estudo

### 2.1. Construção da escala da paixão no desporto

Na investigação de Valerand et al. (2003a) ficou demonstrado que a escala de paixão no desporto tem dois fatores: a paixão obsessiva (PO) e a harmoniosa (PH), e que se distinguem claramente uma da outra.

Esta escala (PS) (Vallerand et al. 2003a) começou por ser concebida com 34 itens (n=284) e foi aplicada a atletas universitários antes, durante e após a competição (M=18,9).

Os critérios utilizados para saber qual é a perceção dos indivíduos face à paixão foram: a valorização da atividade, tempo e energia despendidos, o nível de conflito entre a atividade apaixonante e outras relacionados com a sua vida. Foi utilizada a escala (Inclusion of Others in the Self (IOS)) de Aron e Smollan (1992) para avaliar se o self da pessoa internaliza de forma controlada a atividade, após realizada a análise fatorial exploratória foram eliminados diversos itens, ficando a versão final com 14 itens (n=235) (7 de paixão harmoniosa e 7 de paixão obsessiva). Em seguida, procedeu-se a nova análise fatorial exploratória, os resultados originaram o aparecimento de 2 fatores com eigenvalues, média e desvio padrão de (5.62), (5.01) e (1.15) respetivamente para a PO e de (2.05), (3.20) e (1.47) associados à PH, ambos os fatores explicam 54.7% de variância total.

Assim, a PH durante a competição correlaciona-se positivamente com sentimentos de flow (desafio, ausência de autoconsciência e controlo da prática da atividade), emoções positivas, e concentração; quanto à PO correlaciona-se positivamente com a vergonha e ansiedade após a prática da atividade, já a PH correlaciona-se positivamente com as emoções positivas, enquanto que a PO correlaciona-se de forma positiva com as emoções negativas, com as cognições e afetos negativos, no caso dessa pessoa estar impedida de praticar a atividade apaixonante.

Durante a Análise Fatorial Exploratória as correlações são baixas e pouco significativas a paixão harmoniosa no tempo e energia despendidos com a atividade (PH=.35-PO=.20). Nos outros critérios de definição dos fatores os índices de correlação para a paixão obsessiva são mais elevados do que para a paixão harmoniosa, atividade

como paixão (PH=.43-PO=.46), na valorização da atividade (PH=.37-PO=.57), no nível de inclusão da atividade no self (PH=.16-PO=.49) e por último o nível de conflito entre atividade apaixonante e pessoal (PH=.11-PO=.50), confirma-se assim que os indivíduos que sentem a paixão obsessiva pela atividade praticada que é internalizada no seu self, e a existência de uma forte valorização da atividade e ainda verificam-se elevados níveis de conflito entre a atividade apaixonante e pessoal.

Por fim, foi desta forma que os autores Vallerand et al. (2003a) chegaram à versão final do questionário de paixão no desporto aplicando em mais de 900 pessoas e em vários âmbitos desportivos e na saúde mental, como indicam estes valores de covariância da Análise Fatorial Confirmatória entre os dois fatores (76, N = 235) = 171.70,  $p < .001$ , com índices incrementais no [NNFI] = .912 e no [CFI] = .926 e com [RMSEA] = .073, os resultados da análise exploratória e confirmatória, assim o confirmaram com Alphas de Cronbach de (.73) e (.85) para a PH e PO, respetivamente, assim os fatores são significativos (Vallerand et al., 2003a). Após verificarmos estes resultados podemos afirmar que este instrumento tem uma elevada fiabilidade de aplicação e de replicação nos mais variados contextos.

Vamos agora verificar estudos da escala de Paixão no Desporto utilizadas noutras populações.

Em diversas investigações que consultámos notamos que a consistência interna do questionário da paixão em Língua Inglesa e Francesa demonstravam muito bons coeficientes de alphas para as duas sub-escalas, a primeira para a PH de (.77) e (.70), e para a PO de (.64) e de (.91) no estudo de Vallerand et al. (2003a) e de Vallerand et al. (2006). A escala da paixão demonstrou ter uma estrutura forte e consistência interna em áreas de aplicação distintas como são o desporto e a saúde mental (Vallerand et al. 2003; Vallerand et al. 2008; Vallerand et al. 2009). Deste modo concluímos que após várias aplicações do PS em diversas populações e tendo em conta as dimensões das amostras, este instrumento tem todas as condições para ser generalizado, traduzido e aplicado em diferentes línguas e em vários âmbitos de aplicação (saúde mental, desporto, trabalho, vícios associados ao jogo).

Na realidade portuguesa temos o estudo de Teixeira (2009), onde foi traduzida a escala de Paixão no Desporto e aplicada em atletas de futebol (n=123) e de futsal (n=66)

com idades compreendidas entre os 11 e os 19 anos, para sabermos os itens que se correlacionam com os constructos/dimensões/fatores da PH e PO, sendo que na (AFE) foram retirados os itens 6, devido ao valor dessa correlação (fator loading) ser inferior a (.30), o item 7 situava-se nos dois fatores e não respeita o critério da diferença entre o seu valor no fator um (.580) e dois (.594) a sua diferença maior que .15, (.014), e o item 14 para aumento da consistência interna ( $\alpha=.850$ ) para ( $\alpha=.859$ ).

## 3. Estudo 1 – Validação Preliminar da Escala de Paixão no Desporto

### 3.1. Participantes

No nosso estudo participaram (N=120) atletas, praticantes de futsal (n=60) e de futebol (n=60), com idades que se situam entre os 12 e 19 anos.

### 3.2. Instrumentos

#### 3.2.1. Apresentação da Escala da Paixão no Desporto

A versão original da escala de Paixão no Desporto (PS) de Vallerand et al. (2003a), tem dois fatores (PH) e (PO), os quais são avaliados tendo em conta cinco critérios de perceção do atleta que são: 1) a atividade como paixão, 2) valorização da atividade, 3) tempo e energia despendidos na atividade, 4) nível de inclusão no self da atividade e nível de conflito entre atividade apaixonante e as pessoais, sendo que as mesmas avaliam cada tipo de paixão. Esta escala tem 14 itens, 7 associados ao fator paixão harmoniosa (itens 1,2,3,4,5,6,7), com o valor de consistência interna de ( $\alpha=0.70$ ) e 7 ao fator da paixão obsessiva, com o valor de consistência interna de ( $\alpha=0.91$ ) (itens 8,9,10,11,12,13,14), sendo o seu objetivo o de avaliar o tipo de paixão que o atleta sente. A escala de resposta utilizada foi do tipo likert com um intervalo numérico entre o 1 (discordo totalmente) e o 7 (concordo totalmente).

Utilizámos a versão da tradução preliminar (PSp) realizada por Teixeira (2009) para a Língua Portuguesa, que mantém a estrutura da versão original, sendo constituída por 14 itens, 7 associados ao fator paixão harmoniosa ( $\alpha=.79$ ) e 7 ao fator da paixão obsessiva ( $\alpha=.89$ ), no item 6 do fator PH temos “Para mim é uma paixão que eu ainda consigo controlar”, quanto à dimensão PO no item 13 aparece a seguinte afirmação “Tenho um sentimento quase obsessivo por esta modalidade”, no que se refere à sua escala, esta é de likert com um intervalo numérico de 1 (discordo totalmente) até 7 (concordo totalmente).

### 3.3. Métodos e Procedimentos

Para garantir a qualidade das respostas o investigador deu a conhecer aos atletas, antes dos treinos, que as respostas eram anónimas e não existiriam respostas

corretas nem incorretas, também deveriam guardar uma distância dos seus colegas, lerem os itens com atenção, com o intuito dos resultados não saírem enviesados. Foi pedido verbalmente autorização aos familiares e treinadores dos atletas menores de idade, pois só assim poderiam preencher o inquérito. Em relação aos treinadores, foi-lhes mencionado que no final da investigação iria ser disponibilizado um resumo a cada um deles, o qual seria enviado por Email. A escolha das equipas teve em conta o conhecimento que o investigador tinha de treinadores e contactando a Associação de Futebol de Santarém, pedindo desta forma os contactos dos dirigentes de clubes.

Neste estudo utilizou-se um computador portátil HP, Pentium Dual Core Inside, para a realização desta investigação.

Para tratamento dos dados foi utilizado o programa SPSS versão 18.0.

### 3.4. Procedimentos Estatísticos

Para a concretização da (AFE) seguimos o critério de em cada item ter no mínimo 5 elementos da amostra, dando uma média de 8,5 desportistas por item e recorremos ao método de rotação oblíqua (existe correlação entre os fatores) (Vallerand, et al., 2003) para aplicarmos a extração dos fatores. Os critérios de determinação das dimensões são os seguintes: a)  $KMO \geq 0,7$ ; b)  $eigenvalue \geq 1$  (critério de Kaiser); c) peso fatorial dos itens  $\geq 0,4$ ; d) consistência interna com um  $\alpha$  de Cronbach  $\geq 0,7$ ; e) consistência interna não deve diminuir se um item for eliminado; f) cada fator deve ser constituído por um mínimo de 3 itens;  $cross\ loadings > 0,15$ ; g) a variância total explicada das componentes retidas deve ser no mínimo de 0,7; h) cada item deve ter  $N \geq 5$ . (Leitão, 2002; Maroco, 2003; Pereira, 2004; Gageiro & Pestana, 2005; Kahn, 2006; Worthington & Whittaker, 2006).

## 4. Apresentação e Discussão dos Resultados

### 4.1. Análise Fatorial Exploratória

No começo desta Análise Fatorial Exploratória verificou-se que os fatores se correlacionam (.44) (ver anexo II), devido a este facto iremos utilizar a rotação oblíqua (fatores correlacionam-se  $>.30$ ) (Leitão, 2002), tal como sucedeu no estudo que originou a escala de paixão no desporto de Vallerand et. al. (2003a) no qual se obteve um valor de correlação de 46.

Quanto aos resultados dos testes de KMO (ver anexo II) (medida de adequação do modelo fatorial), o primeiro obteve resultados de 65% (menos de 70%) o que significa que existe uma correlação razoável entre as variáveis.

Foram extraídas duas componentes de acordo com o critério de Kaiser (ver Anexo II) com valores superiores a um, o fator com o valor maior é o um com valor de (6,554) explicando 47% da variância e pertence à sub-escala da Paixão Obsessiva e a dimensão dois com valor de (2,235) com 16% de explicação de variância e associa-se à sub-escala Paixão Harmoniosa, desta forma a variância total explicada pelos fatores extraídos é de 63%, não preenchendo o critério das componentes terem um valor maior ou igual a 70%, em Vallerand et. al. (2003a) a PO apresentou valores de eigenvalues de (5.62) na PH de (2.05), ambos os fatores explicam 54.7% de variância total, valor este menos elevado que o do nosso estudo.

Analiseemos a correlação entre fatores e itens (Quadro 1), onde podemos observar que todos eles cumprem o critério de ser maior que (.30) e não existe nenhum item que esteja nos dois fatores em que a sua diferença seja menor que (.15). Contudo, temos itens com maior e menor valor de correlação no fator PH, deste modo temos o item 5 (.597) de valor e o item 6 com (.640), o que pode indicar que estes itens deverão sair desta análise fatorial exploratória se aumentar o Alpha de Cronbach do fator, isto é, a sua consistência interna e a variância total deste modelo. Quanto ao fator PO temos o item 14 com (.656) a mesma situação descrita atrás pode ocorrer com este item. De acordo com Vallerand et. al., (2003) durante a validação da escala da paixão foram mencionados alguns problemas com os itens 5,6,7 e 14, no mesmo estudo em que a escala foi aplicada a jogadores de casino, foram retirados os itens 6,7,10 e 14. Numa

outra investigação (Vallerand et. al., 2009), utilizou-se a escala de paixão com os 14 itens em 145 jovens atletas (M=19.6) de natação e esquiadores do género feminino e masculino. Foi também utilizada a escala de paixão no desporto na modalidade espiritual Yoga, onde foram utilizados 6 itens em cada fator, em populações com uma média de anos de (M=34.32) e num total de 75 pessoas, homens e mulheres (Vallerand,et. al., in press). Podemos de igual forma verificar na Quadro 1, após a eliminação dos itens que os alphas de Cronbach das sub-escalas são os seguintes: primeiro para a PH temos um valor de ( $\alpha=.855$ ), em segundo para a PO o índice numérico é de ( $\alpha=.909$ ), valores superiores aos apresentados por Vallerand et. al. (2003), Vallerand e Houlfourt (2003), Vallerand et. al. (in press). Deste modo, os resultados de consistência interna para ambas as sub-escalas são bons, portanto podemos dar continuidade à AFE.

Em relação à variância total explicada temos cerca de 63%, que queremos aumentar para 70%, através da eliminação dos vários itens com menor valor de correlação e de representação nos fatores.

Itens	1ª	2ª	3ª	Factores	1ª	2ª	3ª
	PH	PH	PH		PO	PO	PO
PS1	0,990	0,952	0,952				
PS2	0,844	0,884	0,884				
PS3	0,713	0,775	0,775				
PS4	0,736	0,740	0,740				
PS5	0,597						
PS6	0,640						
PS7	0,742	0,756	0,756				
PS8					0,813	0,812	0,812
PS9					0,821	0,821	0,821
PS10					0,867	0,867	0,867
PS11					0,892	0,892	0,892
PS12					0,742	0,745	0,745
PS13					0,851	0,851	0,851
PS14					0,656	0,654	
Nº de itens	7	7	7		7	7	7
Valores Próprios	2,23	2,1	2,03		6,55	6,04	5,76
% Variância	15,9	17,5	18,4		46,81	50,4	52,3
% Total Variância				62,7	67,9	70,8	
$\alpha$ Cronbach	0,855	0,868	0,868		0,909	0,909	0,915

Figura 1 - 1ª, 2ª e 3ª Análise dos valores de correlação entre fatores e itens

No fator PH, os itens 5 (.458) e 6 (.463) (ver Quadro 1) têm valores de correlação moderada, porém são os que menos representam esta dimensão. Reforçando esta posição temos nos valores de alpha se item for eliminado de (.903) (ver Quadro 2), por isso iremos retirá-los da sub-escala PH. No fator PO temos o item 14 com uma correlação moderada (.496) (ver Quadro 1) e de alphas se o item for retirado com (.903) (ver Quadro 2), sendo o item que reúne maiores condições para ser eliminado.

Deste modo, vamos retirar os itens 5 e 6 do fator PH e observar como se comportam os valores de consistência interna, ou seja, se aumentam ou se diminuem. Podemos ver no Quadro 1 (2ª análise) que a consistência interna desta dimensão aumenta de ( $\alpha=.855$ ) para ( $\alpha=.868$ ), e a variância total explicada para (67,97), pois antes tinha (62,78), justificando-se assim a eliminação dos referidos itens. Outro aspeto a salientar é o teste KMO (ver anexos II) no qual se notou um aumento de valor de (.646) para (.871), passando de um valor razoável, para um valor bom de adequação do modelo. Desta forma podemos referir que o fator PH fortalece a sua validade interna sem os itens 5 e 6, e o critério de KMO ser maior ou igual que 70% consolidou-se, pois reforçará a representatividade do constructo de Paixão.

Factor/Item	Correlação Item-Factor		Alpha se Item Eliminado	
PS1	0,776	0,925	0,895	0,800
PS2	0,534	0,784	0,900	0,819
PS3	0,477	0,636	0,902	0,855
PS4	0,477	0,589	0,902	0,867
PS5	0,458		0,903	
PS6	0,463		0,903	
PS7	0,622	0,626	0,897	0,862
PS8	0,711	0,763	0,892	0,900
PS9	0,783	0,782	0,889	0,897
PS10	0,762	0,811	0,890	0,893
PS11	0,741	0,817	0,891	0,893
PS12	0,556	0,639	0,899	0,916
PS13	0,703	0,778	0,893	0,900
PS14	0,496		0,903	

Figura 2- Análise inicial e final (sem os itens 5,6 e 14) da correlação total itens-fatores

Passemos neste preciso momento à análise final (ver Quadro 2) das correlações entre itens e fatores dos valores de alpha se item eliminado. Observou-se nos itens 3 e 4 um aumento da correlação item fator, no item 3 passou de (.477) para (.636) e no item 4 de (.477) para (.589). No que diz respeito aos valores de alpha se item eliminado, no item 3 o valor passou de (.902) para (.855) quanto ao item 4 temos ( $\alpha=.902$ ), verificando-se agora uma diminuição de valor para ( $\alpha=.868$ ) da consistência interna da dimensão PH, o que indica que aumentou o valor das correlações entre o fator PH.

Em relação ao fator PO (ver Quadro 1), optámos por retirar o item 14, pois desta forma incrementou os valores de consistência interna do fator passando de um valor de ( $\alpha=.909$ ) para ( $\alpha=.915$ ), pois passou a ser mais representativo do constructo Paixão Obsessiva, exemplo desse facto é o item 12 ter aumentado o valor de correlação ao fator



PH com índices de (.556) passando para (.639) e o seu peso no fator aumentou de (.899) para (.916) e igualmente no item 13, aumentando de (.703) para (.778). Ressalve-se que os valores deste item também tiveram um aumento no seu peso dentro da dimensão PO com (.893) passando a valer (.900). Outros aspetos que apoiam a nossa tese de retirar o item 14 do fator PO é o facto de a variância total explicada passar de (67.97) para (70.85), o que significa que este modelo fatorial explica cerca de 71% do constructo paixão no desporto. No KMO (ver anexos II) da escala de Paixão no Desporto verifica-se uma diminuição dos valores da segunda (quando se retirou item 5 e 6) para a terceira (no momento em que se excluiu o item 14) análise fatorial, pois antes tinha um valor antigo de (.871) passando a ter (.866). No entanto, o modelo continua com correlações consideradas boas, pelo que podemos aferir que está correta a análise fatorial aqui realizada e que o modelo fatorial fica mais robusto com a retirada do item 14 da dimensão PO. De acordo com Vallerand et. al., (2003) durante a validação da escala da paixão foram mencionados alguns problemas com os itens 5,6,7 e 14, assim o nosso estudo vai ao encontro dos resultados estudados anteriormente.

Em suma, o questionário da paixão no desporto ficará na dimensão PH com 5 itens, ao qual foi retirado o item 5 que tem a seguinte afirmação “Esta modalidade está em consonância com as outras atividades da minha vida.” a qual avalia o nível de conflito entre a atividade apaixonante e a vida pessoal do atleta, e o item 6 que demonstra o nível de controlo da atividade apaixonante que o desportista demonstra ter, verificando-se através da seguinte afirmação “Para mim é uma paixão que consigo controlar.”. Em relação ao fator PO, este ficará com 6 itens, tendo sido eliminado o item 14 que consiste da inclusão no self da atividade apaixonante e que tem a seguinte afirmação “O meu estado de humor depende de eu praticar ou não esta modalidade.” como sucedeu na investigação de Teixeira (2009). No estudo de Vallerand et al. (2003d), em jogadores de casino, foram retirados os itens 6,7,10 e 14, ficando 5 itens em cada fator. Em suma, ficamos na dimensão PH com os itens 1,2,3,4,7 e no fator PO com os itens 8,9,10,11,12,13, para avaliarmos o constructo de paixão no desporto.

## 5. Conclusões Do Estudo 1

De acordo com objetivo primordial desta investigação, ao caracterizarmos a escala de Paixão no Desporto, observámos que a sua estrutura continha um agrupamento dos itens 1,2,3,4,5,6,7 no fator PH e dos itens 8,9,10,11,12,13,14, na dimensão PO, confirmando-se a estrutura fatorial da AFE de Vallerand et. al. (2003a) e da AFE portuguesa de Teixeira (2009). Dois fatores foram extraídos da nossa AFE o PH e o PO com números próprios maiores que um (critério de Kaiser > 1). Os itens retirados na dimensão PH foram o 5 e o 6 aumentando a sua consistência interna de ( $\alpha=.855$ ) para ( $\alpha=.868$ ), no estudo de Vallerand et. al. (2003a) a consistência interna do fator PH era de ( $\alpha=.79$ ) valor inferior ao do nosso estudo, na dimensão PO retirámos o item 14 e aumentou a sua consistência interna passando de ( $\alpha=.909$ ) para ( $\alpha=.915$ ), no estudo de Vallerand et. al. (2003a) os valores situaram-se em ( $\alpha=.89$ ).

Assim, a nossa estrutura fatorial é similar à das investigações realizadas anteriormente (Vallerand et. al., 2003a), pois o agrupamento dos itens nos fatores sucedeu da mesma forma.

Desta forma, podemos salientar o facto de que na versão original da Escala de Paixão no Desporto de Vallerand et. al. (2003) ficarem os 14 itens, contudo noutras populações como em atletas de basquetebol foram reduzidos os itens da escala para 8, 4 em cada dimensão (Vallerand et. al. 2006), e de igual forma foram retirados 2 itens da escala de paixão no estudo do papel da paixão no trabalho e a associação com o Burnout, ficando assim com um máximo de 12 itens, 6 em cada dimensão (Vallerand,et. al., in press).

Podemos então concluir que a escala de Paixão no Desporto deverá ser reduzida em número de itens tendo em conta as investigações já realizadas.

Uma Análise Fatorial Confirmatória para a Língua Portuguesa será benéfica de realizar em futuras investigações, para que desta forma se confirme a estrutura fatorial da Escala de Paixão no Desporto.

## 6. Revisão Bibliográfica do Estudo 2

### 6.1. Conceito de Paixão

Existem diversos tipos percepções relativos à Paixão que foram descritas há vários anos por intermédio de diversos filósofos como é o caso de Rony (1990).

A paixão deriva do latim *passio* que significa sofrimento, o qual domina o sujeito, e por isso é passivo face à paixão (Vallerand et al., 2003).

De acordo com a perspetiva psicológica, a paixão segundo Hatfield e Walster (1978), era interpretada como um conceito romântico, não contemplando outras abordagens. Porém, outros autores do contexto desportivo e do exercício definiram-na como uma paixão que gera bons e maus hábitos (Glasser, 1976). Os bons hábitos entende-se ser a criação de comportamentos repetidos de prática da atividade física (Morgan, 1979; Sachs, 1981) promovendo no sujeito sentimentos de bem-estar físico e mental, enquanto os maus hábitos relacionam-se com a dependência do exercício, com sentimentos de obrigação face à prática desportiva e à atividade física, gerando mal-estar nestes praticantes (Hansenblas, & Symons, 2002).

Finalmente, surgem as duas últimas conceptualizações de paixão (Vallerand et al., 2003; Houliort, & Vallerand, 2003). A primeira é a forte tendência, gosto e valorização que a pessoa tem face a essa atividade, originando na mesma um elevado gasto energético e de tempo, a outra definição de paixão segundo Vallerand, et al., (2007), consiste na energia que se encontra no Ser Humano, que a impulsiona a ser dedicada e persistente na prática de determinada atividade.

### 6.2. Conceito de Paixão Harmoniosa e Obsessiva

Há um processo no desenvolvimento do tipo de paixão.

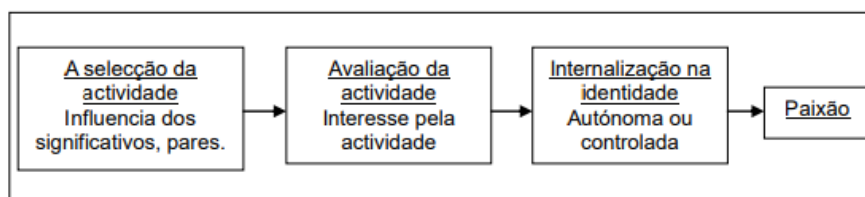


Figura 3– Processo de Desenvolvimento da Paixão

Existem 3 fases no progresso da paixão até passar a ser definitiva.

A primeira é a seleção da atividade à qual se associa a influência do envolvimento social, em especial os pais, adultos, e os pares que têm muita relevância na escolha da modalidade desportiva da criança ou jovem. Na segunda fase aparece-nos a avaliação da atividade que surge quando esta é valorizada pelo desportista, o qual a sente como uma atração que o faz dirigir-se para esta. Por último, nesta etapa é definido o tipo de internalização da atividade desportiva na identidade da pessoa, que poderá ser realizada de duas formas ou de forma controlada ou autónoma.

Na primeira existe prazer na sua prática, o que levará a uma internalização autónoma, a segunda ocorre através da existência de uma forte valorização de tal atividade. Desta forma, se os atletas demonstram um tipo de internalização autónoma, observa-se a sua livre escolha (i.e. não controladora) da atividade desportiva a praticar. Assim, existirá prazer ao praticá-la e com total autonomia, ou seja, quando o sujeito quer e deseja praticá-la, sem entrar em conflito com outras atividades da sua vida quotidiana, esta é a definição de paixão harmoniosa (Mageau, Provencher, Ratelle, Rousseau, & Vallerand, 2004). Por outro lado, se os desportistas internalizam a atividade de forma controlada, procuram sentimentos de aceitação social, o aumento da sua autoestima, sentem elevada pressão interna para a realizar (i.e. controla o sujeito), pois aquela atividade passa a fazer parte da sua identidade (self), é assim que sucede a internalização da paixão obsessiva, de acordo com vários estudos que indicam se o atleta valoriza a atividade excessivamente, então terá predisposição para internalizá-la de modo controlado, necessitando de praticá-la como forma de afirmação da sua identidade (Aron, Aron, & Smollan, 1992).

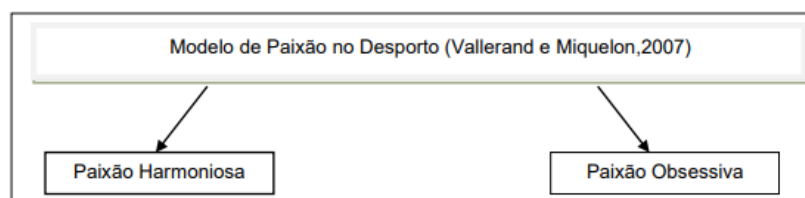


Figura 4 - Modelo de Paixão no Desporto

Efetivamente, a paixão harmoniosa e obsessiva são conceitos nucleares deste estudo, sendo este o Modelo Dualístico de Paixão (Vallerand et al., 2003), que irá ser descrito no parágrafo que se segue.

Vamos agora utilizar um exemplo referido no artigo científico dos autores Vallerand et. al., (2006), para distinguir claramente os tipos de paixões. Peter e Matt jogam basquetebol há cerca de 10 anos. Eles adoram este desporto, despendendo energia e tempo na sua prática. Para eles o basquetebol é mais do que uma modalidade desportiva, faz parte de quem são, ou seja, da sua identidade. Eles são atletas de basquetebol de nível interescolar. Eles jogam com muito gosto, pois ambos sentem paixão por esta atividade desportiva, mas de forma distinta. Isto porque Matt pode decidir quando joga basquetebol, ou então se dedica a outras atividades como o estudo e relacionamentos; enquanto que Peter mostra resistência para pensar noutras atividades além do basquetebol, ou seja, está sempre a pensar neste desporto. Poucas vezes deixa o basquete para ir estudar. Como se verifica nestes casos, existem diferenças entre Peter e Matt, no que se refere à forma de lidar com o desporto. O Matt demonstra prazer e alegria na sua prática desportiva, enquanto Peter, pelo contrário, sente culpa e ansiedade. Deste modo, podemos concluir que ambos os atletas são bons e apaixonados executantes, a distinção entre os dois é que Matt é mais feliz do que o Peter, que gasta demasiado tempo na prática desta modalidade desportiva.

Efetivamente, este pode ser um bom exemplo das diferenças entre paixão harmoniosa e obsessiva, definições que vamos desde já aprofundar.

Segundo Vallerand e Miquelon (2007), a paixão harmoniosa (PH) é escolhida voluntariamente pelo sujeito, devido ao gosto que tem pela atividade desportiva e não por questões de reforço da sua identidade pessoal. Esta atividade não controla o indivíduo, dado que é ele que a pratica no momento em que deseja, não se sentindo na obrigação de realizá-la (Amiot, Blanchard, & Vallerand, 2006; Sabrina, & Vallerand, 2010; Vallerand, 2010).

Sumariamente, a pessoa que sente uma paixão harmoniosa, consegue gerir o tempo de prática dessas atividades desportivas conjugando-as com as da sua vida particular, não se verificando deste modo qualquer tipo de incompatibilidade entre ambas.

Já a paixão obsessiva (PO) (Vallerand, & Miquelon, 2007), é construída por essa pessoa quando sente forte motivação, que consiste em ganhos como são: o reconhecimento social ou o aumento da confiança nas suas capacidades individuais e da

sua autoestima (Hodgins, & Knee, 2002). Assim, estas pessoas tornam-se dependentes e são igualmente controladas por essa atividade desportiva, não conseguindo viver sem a mesma, visto que passa a fazer parte da sua identidade pessoal e o consequente reforço da sua afirmação social (Mageau, & Vallerand, 2007). Podemos ainda referir que esta paixão promove a inflexibilidade e a continuidade neste tipo de atividade desportiva, o que provoca a incompatibilidade entre esta e outras atividades da sua vida, visto que a pessoa se sente obrigada a praticar essa atividade durante longos períodos de tempo do dia, o que leva a que haja indisponibilidade de tempo para realizar outras do foro pessoal. A nível de emoções, estas serão negativas, pois após a prática daquela atividade a pessoa poderá sentir culpa por tê-la praticado ou então por não a ter praticado, quanto a cognições existirá na pessoa rumações antes da sua prática, o que lhe causará sentimentos negativos devido à dependência que tem por esta (Vallerand et al., 2007; Mageau et al., 2009).

Em seguida iremos ver a definição dos conceitos inerentes à orientação motivacional dos desportistas para a prática e a sua manutenção na atividade desportiva (Duda, 1992; 1993).

### 6.3. Origem e Desenvolvimento do Conceito de Motivação

Assim sendo, a motivação provém do verbo em latim «movere», que tem como sinónimo «mover» que se associa a termos como a excitação, energia, intensidade ou ativação, ou seja, estados de elevada motivação (Roberts, 1995). Por este facto, a motivação é associada a um motor, dado que o sujeito que pratica desporto deve ter muita motivação para se conectar com a mesma, a qual será um motor que dirige a sua vontade de estar neste contexto e atividade.

Outros autores como Cashmore (2002) e Woolfolk (1996), citado por Dosil (2004), mencionam que a “motivação é um estado ou processo interno que ativa, dirige, e mantém a conduta perante um objetivo” (p. 128), isto é, o indivíduo tem um objetivo e o seu comportamento é ativado para o concretizar. Outro aspeto da motivação que Deci e Vroom (1979) referem é que a mesma depende de impulsos fisiológicos e dos ganhos que são transmitidos no decorrer dos mesmos, que vão influenciar positivamente o rendimento dos atletas.

Passando à definição de motivação de acordo com Sage (1977), a motivação tem como principais conceitos a direcção e a intensidade.

A direcção é a atracção que um sujeito tem por determinada atividade (i.e. gosto pela prática de uma determinada modalidade desportiva), também pode não sentir atracção demonstrando pouco interesse pela mesma (i.e. um desportista prefere estar com os amigos, em vez de ir para o treino de uma modalidade desportiva), o que origina que não se aproxime da prática desportiva ou de outra atividade da sua vida que não lhe desperte atracção.

Já a intensidade é o esforço verificável na pessoa ao realizar uma determinada atividade (i.e. se o atleta gosta de praticar desporto vai-se esforçar para estar sempre nos treinos e empenhar-se durante a sua realização).

Para além do que já foi descrito a motivação tem sido um conceito nuclear em toda a psicologia, pois sempre lhe foi atribuída especial atenção ao longo de diversos anos como menciona Weiner (1992) e atualmente no âmbito do desporto e do exercício de acordo com Roberts (2001). Além disso, este tema tem sido aprofundado na prática da atividade física em populações jovens, tanto no ponto de vista do envolvimento desportivo como no rendimento dos atletas como refere Brustad (1993). Referente à orientação dos atletas para escolherem determinados objetivos está associada a teoria de realização dos objetivos (Ames, 1984; Dweck, 1986; Nicholls, 1989, cit., Cumming, Grossbard, Smith, Smoll, & Standage, 2008) que explica a motivação no desporto, descrevendo que a habilidade é o primeiro objetivo a atingir pelos desportistas. Deste modo, os sujeitos justificam o seu sucesso através da sua auto-percepção de habilidade, o que também vai influenciar o seu empenhamento (Nicholls, 1989; Duda 1992, 1993; Balagué, Roberts, & Treasure, 1998).

A orientação de objetivos está associada à tendência disposicional para o sujeito se dirigir para a tarefa ou ego em contextos de realização (Roberts, 1984; Nicholls, 1989; Roberts et al., 1998). Segundo esta teoria, existem dois tipos de orientação de objetivos, uns associados com a tarefa e outros com o ego, que acontecem através de respostas motivacionais, cognitivas e afetivas dos atletas (Nicholls, 1989; Duda 1992, 1993; Roberts, & Treasure, 1995; Ommundsen, & Roberts, 1996; Duda, Ntoumanis, & Standage, 2003; Duda, & Nien, 2009). Se os sujeitos demonstram envolvimento na

tarefa têm a autopercepção de sucesso, pois acreditam que a sua habilidade evolui se aprenderem novas técnicas, notando-se um elevado esforço, vontade de aprender, e conseguindo desta forma, melhorar o seu rendimento. Em relação ao ego, o indivíduo compara-se com os outros na obtenção do sucesso, por isso é uma atitude normativa e social. Os sujeitos que demonstram ter este tipo de orientação motivacional acham-se superiores aos outros, sendo que ao se esforçarem menos do que os seus colegas conseguem atingir rendimentos iguais ou superiores (Nicholls, 1989; Duda 1992, 1993; Roberts, 1992; Hall, Roberts, & Treasure, 1994; Roberts, 2001).

Surgem-nos outros aspetos na motivação especialmente em atletas jovens que se deve ter em atenção, pois influem nos seus níveis motivacionais (Duda, 1992, 1993; Hall, Jackson, Kimiecik, Roberts, & Tonymon, 1995; Gould, & Weinberg, 2007), entre os quais podemos referir os objetivos que estes desportistas desejam alcançar com a prática desportiva, que são os de realização com várias designações: os de aprendizagem e de performance (Dweck, 1986; Dweck, & Leggett, 1988), os de mestria e de habilidade (Ames, 1992; Ames & Archer, 1987; Cruz, 1996) e por fim os de mestria e competitividade (Balagué, & Roberts, 1989, 1991, cit., Fonseca, 1996), sendo que cada um destes tem definições similares.

Diversas investigações indicaram que os objetivos de tarefa em desportistas jovens demonstram promover positivamente respostas psicológicas e comportamentais (Duda & Whitehead, 1998; Roberts, 2001), na medida em que estes atletas sentem prazer durante a prática desportiva, empenham-se e utilizam estratégias de coping quando estão perante tarefas com elevado grau de dificuldade. Em oposição, temos os desportistas com objetivos orientados para o ego, que demonstram ter menos respostas positivas a nível comportamental e psicológico, porém têm excelentes resultados e performances no contexto desportivo.

Em seguida, vamos descrever o constructo dos objetivos de realização.

## 6.4. Teoria dos Objetivos de Realização

Passemos agora a referir a teoria dos objetivos de realização (Duda, 2001; Duda & Hall, 2001; Roberts, 2001) inerentes à orientação motivacional dos desportistas e a sua associação com a teoria da autodeterminação (Biddle, 1999; Roberts, 1992).



Segundo Ntoumanis (2001), existe uma clara ligação entre a teoria dos objetivos de realização e a autodeterminação, pois esta permite a manutenção dos objetivos que guiam as necessidades de âmbito psicológico que são a autonomia, a competência e os relacionamentos, que regulam o comportamento da pessoa para se empenhar numa determinada atividade (Ames, 1992; Dweck, 1999; Maehr & Nicholls, 1980; Nicholls, 1984, 1989).

Na teoria dos objetivos de realização, é a competência que permite ao sujeito tentar cumprir com determinação as tarefas a realizar (Elliot, 1997); pode-se afirmar que é essencial para a motivação dos indivíduos, pois relaciona-se com as suas cognições, afetos e comportamentos, pois é a força que os dirige para realizar algo na sua vida. Outro aspeto é a existência de três tipos de regulações do comportamento na teoria da autodeterminação que são: a motivação intrínseca, a extrínseca e a motivação (Daley & Duda, 2006; Duda, Ntoumanis, & Smith, 2007).

A motivação intrínseca é o motor que leva as pessoas a moverem-se e a sentirem vontade própria de praticarem desporto ou atividade física (Biddle & Mutrie, 2001; Duda, Edmunds, & Ntoumanis, 2008), os objetivos escolhidos por estes atletas são controláveis e dirigidos para a tarefa (Deci & Ryan, 1985, 2000, 2002; Adie, Duda, & Ntoumanis, 2008), as suas expectativas adaptam-se a nível cognitivo, afetivo e comportamental (Nicholls, 1984; Duda, 2001). Desta forma podemos afirmar que a sua orientação motivacional se dirige para a tarefa, pois estes desportistas definem o seu sucesso através da construção da sua competência, focando-se em si mesmos, fazendo uso de objetivos que lhes permitam otimizar o seu rendimento e assim atingirem a mestria.

Já a motivação extrínseca (Biddle, Chatzisarantis, Spray, & Wang, 2002), pode ter vários níveis de autodeterminação que vão desde o diminuto até elevado, observando-se de diversos modos (i.e. pratica desporto devido a fatores como a fama, a aceitação e o reconhecimento social). Estes desportistas são voltados para o ego, sendo que o meio e as várias situações que vão ocorrendo, influenciam a sua adaptação psicológica ou a falta dela, dependendo sempre da forma como interpretam a sua própria habilidade (Nicholls, 1984; Duda, 2001; Biddle, Chatzisarantis, & Georgiadis, 2001), isto é, o desportista vive dependente de fatores como a derrota, a vitória, dos comportamentos

de treinadores e dos seus colegas, para avaliar se tem capacidades ao praticar essa modalidade desportiva e assim se sentirem superiores na sua capacidade. Para reforçar estas ideias Deci e Ryan (1985) propuseram um continuum relacionado com a motivação extrínseca e a sua regulação que poderá, desta forma ser verificada. Quanto aos géneros de regulações da motivação extrínseca existem quatro: a external, introjectada, identificada e a regulação integrada (Balaguer, Castillo, & Duda, 2008). A primeira está relacionada com pressões externas; a introjectada refere-se à pressão sentida para evitar a culpa (Biddle, 1999; Biddle, & Wang, 2003; Duda, & Nikos, Ntoumanis, & Standage, 2005; Duda, Edmunds, & Ntoumanis, 2007; Gillison, Osborn, Standage & Suzanne, 2009); já a identificada associa-se com os valores pessoais e objetivos, a regulação integrada, que consiste em comportamentos assimilados pelo Self, sendo avaliados e associados a necessidades e valores da pessoa (Deci, & Ryan, 2000), ou seja, a pessoa identifica-se com aquela motivação a tal ponto, que a sua capacidade ou incapacidade na prática da atividade motivadora é reforçada desta forma. Por último, verifica-se o conceito de motivação onde os índices motivacionais no sujeito são baixos, pois não percebe a associação entre as ações e os efeitos (Fortier, & Vallerand, 1998; Daley, & Duda, 2006; Biddle et. al. 2006), ou seja, a mesma nota que não tem nenhum objetivo para continuar a praticar aquele desporto.

Ryan e Connell (1989), defenderam que existe uma forma de se avaliar a autodeterminação de um sujeito denominado Index Relativo à Autonomia, que se trata de um modelo matemático que envolve números que ao serem somados dão-nos indicadores acerca da regulação comportamental dos sujeitos. As regulações da autodeterminação formam um continuum, o qual caracteriza os níveis de internalização. Se este instrumento tem valores elevados, tal significa a existência de autonomia na regulação motivacional, contudo se os índices forem baixos tal demonstra um tipo de regulação da motivação associada ao controlo.

Em suma, tanto a teoria da paixão como o constructo dos objetivos de realização têm em comum a forma como o sujeito se motiva para a prática de desporto. Existem duas formas de os atletas se motivarem uma delas é por motivos internos (i.e. gosto pelo desporto, querer aprender), outro modo verifica-se através de motivos externos (i.e. querer praticar desporto com a intenção de ganhar estatuto no seu grupo de

amigos, devido às expectativas dos pais, ser um desporto praticado pela maioria das pessoas de um país e por isso o sujeito pratica-o mesmo sem lhe dar prazer). Por fim, a internalização na identidade pode ser regulada de modo controlada ou autónoma, definindo-se assim o tipo paixão se é obsessiva ou harmoniosa, e os objetivos de realização que o desportista pretende alcançar com a sua prática, se são mais orientados para o ego ou para a tarefa.

Entretanto, vamos verificar alguns estudos sobre o modelo dualístico de paixão e outros relacionados com a teoria dos objetivos de realização.

## 6.5. Estudos Relacionados com a Paixão e os Objetivos de Realização

Começamos com a investigação em praticantes (n=205) de futebol americano, que foi realizada durante uma época desportiva, durante a qual se comprovou a associação da paixão harmoniosa a afetos positivos, e dos afetos negativos com a paixão obsessiva, provando-se desta forma, que os tipos paixão se relacionam com diferentes afetos (Vallerand et al., 2003b). O autor Vallerand et al., (2003), descobriu que a paixão obsessiva é um preditor, para a pessoa se manter e persistir na prática da atividade apaixonante, neste caso no ciclismo, os atletas que sentiam paixão obsessiva continuaram a praticar esse desporto, durante o inverno em Quebec, perante temperaturas e condições climáticas rigorosas, originando-lhes assim problemas emocionais e físicos (Vallerand, & Miquelon, 2007). A predição de lesões graves em dançarinos é acentuada quando sentem PO (Fortin, Rip, & Vallerand, 2006). A patologia mental relacionada com o jogo, é outro dos temas que se associou aos tipos de paixão, sendo que a patologia mental ocorre com evidência, quando os jogadores sentem a PO, mostrando-se prejudicial para os mesmos (Vallerand et al., 2003d; Mageau et al., 2004), provando-se, deste modo a intenção cristalizada de continuarem a praticar obsessivamente essa atividade. Verificou-se também que se as pessoas sentiam paixão obsessiva pela internet, geraria conflitos nos relacionamentos entre casais, contudo, quem sente paixão harmoniosa, não se observa a existência de discordâncias entre casais, devido à internet (Blanchard, Laliberté, Pelletier, Séguin-Lévesque, & Vallerand, 2003). Finalmente verificou-se a média de (M=4,92) na PH segundo Halvari e Skjekol (2009), foram 190 os praticantes deste estudo, as idades situavam-se entre os 22 anos,

com os quais estudaram que a autonomia dos atletas associa-se com a atividade física e o rendimento desportivo que é mediado pela paixão no desporto, motivação, competência, concluindo-se que a PH está positivamente relacionada com a prática de atividade física e com a performance desportiva.

Assim, poderemos concluir que esta temática abrange várias áreas que são: o bem-estar psicológico, a performance desportiva, a desistência e a continuidade na prática do desporto (Vallerand & Miquelon, 2007). Por outro lado, Wang, Liu, Chye, e Chatzisarantis (2011), verificaram em 1074 estudantes, com idades entre os 12 e 14 anos, que existiam média de PH (M=4,32) e de PO de (M=3,42), significativamente diferentes cujo o tema foi perceber a motivação para os jogos da internet, dos jovens de Singapura e qual o papel da paixão, comprovou-se que as regulações introjectadas, externas e identificadas estão positivamente relacionadas com a PO, enquanto que a PH associa-se positivamente a estados de Flow, e às motivações intrínsecas.

Fazendo menção a diversas investigações, começando por Carpentier, Mageau e Vallerand (2011), referem haver médias de PH de (M=5,58) e de PO (M=4,14), com a qual existe associações positivas nas rumações, e entre o flow e a PH proporcionando bem-estar ao indivíduo, este estudo utilizou a amostra de 172 estudantes, entre os 17 e 32 anos. Noutra investigação (Carpentier, Mageau e Vallerand, 2011), verificaram-se médias de PH com (M=4,36) e de PO (M=2,20), no papel da autoestima e a distinção de PH e PO, em 40 jogadores de cartas, entre os 12 e 40 anos, pessoas com PH sentiam que não tinham oscilações na sua autoestima, já os que sentiam PO a sua autoestima sofria altos e baixos. Quanto a Curran, Appleton, Hill e Hall (2011) verificaram-se índices médios de PH (M=5,48) e de PO (M=5,04), em 149 jovens atletas praticantes de futebol, com média de idade situada em (M=16,2).

Em relação à teoria dos objetivos de realização, é um conceito multidimensional, que permite saber qual é o grau de intensidade com que a pessoa valoriza a sua habilidade, competência, a sua percepção de sucesso ou de insucesso, através da avaliação dos outros e a que atribui a si mesmo (Ferrer-Caja, & Weiss, 2002). Como já sabemos, esta teoria defende a existência de dois tipos de objetivos (Nicholls, 1984, 1989) os que se direcionam para a Tarefa e para o Ego (Duda, 2001; Nicholls, 1984). Na investigação de Boyce, Ann, GanoOverway, Lori e Campbell (2009), participaram 128

atletas estudantes, com uma média de idades situada nos 12,74, que se orientavam motivacionalmente para a Tarefa ( $M=4,14$ ) do que para o Ego ( $M=2,50$ ). Um estudo de Rodrigues, Lázaro, Fernandes e Vanconcelos-Raposo (2009), em alpinistas de ambos os géneros, com 20 e 61 anos de idade, o tema foi a caracterização dos níveis de negativismo, ativação, autoconfiança e orientações motivacionais de alpinistas, não se verificaram diferenças significativas nos grupos, nem no Ego ( $P=0,378$ ), nem na Tarefa ( $P=0,586$ ). Em relação à investigação de Lavoie e Stellino (2008), em 259 atletas de hóquei no gelo norte americanos, divididos em grupos por escalões, cujo o tema foi a relação entre clima motivacional criado pelos familiares dos atletas e o reflexo dos comportamentos desportivos bons e menos bons, que se observam nos desportistas com médias de idades de ( $M=12,74$ ), vimos resultados médios de Ego com ( $M=2,87$ ) e de Tarefa ( $M=4,24$ ). Já em Gomes (2006) tivemos um estudo entre 250 atletas de futebol dos escalões Juniores B média de Tarefa ( $M=4,08$ ) e A valores médios de Tarefa ( $M=4,23$ ), com média de idades de ( $M=16,71$ ), para avaliar a sua motivação para a prática do futebol, não se verificando diferenças no Ego ( $P=0,74 > sig=0,05$ ), mas sim na tarefa ( $P=0,02 < sig=0,05$ ). Já Dorogi, Szabo, & Bognár (2008), revelaram a existência de valores médios para o Ego com ( $M=3,46$ ) e de Tarefa ( $M=3,28$ ), em praticantes de desporto universitários húngaros, do género masculino, com média de idades média de ( $M=32,9$ ). Num estudo de Figueiredo, Gonçalves, Silva, e Malina (2009), os participantes teriam entre os 11 e 14 anos, que compararam escalões (11-12) juniores D e juniores C (13-14) em futebol, para saberem a sua orientação motivacional, observaram-se diferenças significativas no Ego ( $F=4,91$ ;  $P=0,01$ ), e médias nos juniores D de Ego ( $M=2,0$ ) e Tarefa ( $M=4,3$ ) e nos juniores C no Ego ( $M=1,8$ ) e ( $M=4,2$ ) na Tarefa, verificando-se médias superiores de Tarefa em relação ao Ego.

Em suma, nota-se médias superiores de PH, PO, Tarefa em populações mais jovens e maiores valores médios de Ego naquelas que têm mais idade. Salienta-se ainda que na bibliografia consultada, a pouca existência de estudos que comparem escalões, especialmente para os tipos de Paixão, e que sejam aplicadas em praticantes de futsal e de futebol, por isso tivemos de comparar resultados tendo em conta a idade dos intervenientes dos estudos ser semelhante à do nosso, embora nem sempre seja possível.

Em seguida, vamos descrever os problemas, objetivo e hipóteses para o estudo

2.

## 7. Estudo 2 – Problemas, Objetivos e Hipóteses

Verifiquemos os problemas e as hipóteses para o estudo 2. Depois do enquadramento teórico, passemos a várias questões centrais que se inserem nos problemas deste estudo:

### 7.1. Problemas

P1 – Será que a idade tem um papel diferenciador no modo como os atletas de futsal e de futebol sentem a Paixão Harmoniosa e Obsessiva?

P2 – Será que a idade dos desportistas de futsal e de futebol tem um papel diferenciador na forma como os desportistas orientam os seus objetivos de realização?

P3 – Será que os escalões competitivos têm um papel de distinção no modo como os atletas de futsal e de futebol sentem os tipos de paixão?

P4 – Será que os escalões competitivos têm um papel de distinção no modo como os desportistas de futsal e de futebol orientam os seus objetivos de realização?

### 7.2. Objetivo do Estudo 2

Por conseguinte, no estudo 2, pretendemos atingir este objetivo:

O1 – Estudar se as variáveis idade e escalões dos praticantes de futsal e de futebol, têm um papel diferenciador quanto ao tipo de paixão e de orientação motivacional demonstrada por estes atletas.

### 7.3. Hipóteses

Agora vamos formular as seguintes hipóteses, tendo em conta a revisão de literatura que realizámos anteriormente:

H1: A idade é uma variável que influencia o tipo de paixão sentida pelos atletas de futsal e de futebol. Os atletas pré-adolescentes sentem mais paixão, do que os adolescentes.

H2: A idade é uma variável que influencia a orientação motivacional dos atletas de futsal e de futebol. Os atletas com menos idade para a Tarefa, do que os desportistas com mais idade;

H3: O escalão é uma variável que influencia o tipo de paixão sentida pelos atletas de futsal e de futebol. Os desportistas mais novos sentem mais paixão, do que os atletas com mais idade;

H4: O escalão é uma variável que influencia a orientação motivacional dos atletas de futsal e de futebol. Os atletas com menos idade orientam-se mais para a Tarefa, do que os desportistas com mais idade.



## 8. Estudo 2 – Comparação entre a paixão no desporto e orientação motivacional

### 8.1. Participantes

Foram (N=120) os participantes do nosso estudo, selecionados por conveniência, atletas de futsal (n=60) e de futebol (n=60) (Quadro 3). Neste estudo vamos proceder à divisão dos grupos, utilizando como critério a idade do praticante, sendo que o primeiro grupo, que é o dos pré-púberes, situa-se entre os 12 e os 15 anos (n=53) e o segundo, o dos púberes, entre os 16 e 19 anos (n=67) (Quadro 4), com um intervalo de idades entre os 12 e 19 anos, média de idades de (M=15,73) anos, desvio padrão de (DP=1,675) (como uma amplitude de 7 anos, e a distribuição da amostra afasta-se cerca de 1,5 anos da sua média de idades), o género dos atletas é masculino.

Outro critério de agrupamento dos atletas consistiu em inseri-los no seu escalão, correspondente à sua idade, assim nos Juniores C temos (n=40), no B (n=40) e no A (n=40) (Quadro 5).

Desporto	Escalões	Género	N	Min-Máx	M±SD
Futebol	Juniores C	Masculino	20	14-16	14,65±0,59
	Juniores B	Masculino	20	14-17	15,75±0,79
	Juniores A	Masculino	20	17-19	17,55±0,60
<b>Total</b>			60		
Futsal	Juniores C	Masculino	20	12-15	13,25±0,85
	Juniores B	Masculino	20	15-16	15,55±0,51
	Juniores A	Masculino	20	16-18	17,60±0,60
<b>Total</b>			60		
			<b>Total</b>	<b>Min-Máx Geral</b>	<b>M±SD Geral</b>
			120	12-19	15,73±1,68

Figura 5 - Análise descritiva dos participantes do estudo

### 8.2. Variáveis

As variáveis dependentes deste estudo são: a Paixão Harmoniosa, Paixão Obsessiva e a Tarefa e o Ego, quanto às variáveis independentes consistem: na idade dos praticantes, nos escalões (Juniores C, B e A) e nas modalidades desportivas futsal e futebol.

## 8.3. Instrumentos

### 8.3.1. Apresentação da Escala de Paixão no Desporto

Esta escala já foi apresentada no estudo anterior.

### 8.3.2. Apresentação do Questionário de Orientação Motivacional

O Questionário de Orientação Motivacional no Desporto - TEOSQp, traduzido para a Língua Portuguesa por Fonseca e Biddle (1996) do original de Duda e Nicholls (1989), que tem como objetivo avaliar os objetivos de realização dos jovens atletas que praticam desporto (Fonseca & Brito, 2005). Os fatores deste questionário são 2 composto por 13 itens com o Ego a ter 6 (itens 1,3,4,6,9,11), como exemplo de um item para este fator temos o 1 “Sou o único que consegue executar as técnicas” e a Tarefa a ter 7 (itens 2,5,7,8,10,12,13), no item 13 refere “Faço o meu melhor”. Os Alphas de Cronbach de 0.85 (Ego) e de 0.77 (Tarefa), avaliados por uma escala de likert entre 1 (Discordo Totalmente) e 5 (Concordo Totalmente) (Fonseca & Brito, 2005).

## 8.4. Métodos e Procedimentos

Este ponto é similar ao do estudo 1.

## 8.5. Procedimentos Estatísticos

Irá ser realizada a análise descritiva (média, desvio padrão).

Os testes estatísticos utilizados vão ser: o Levene para analisar a homogeneidade das variâncias, o t-teste de student para amostras independentes, para desta forma se verificar existência de diferenças médias nos dois grupos, um de atletas pré-adolescentes e outro composto por adolescentes no Ego, Tarefa e nos tipos de Paixão.

Para testar a existência de diferenças nos 3 grupos por escalão, vamos usar a Anova Oneway e o teste Tukey, para multi-comparações dos grupos, assumindo que as variâncias são homogéneas.

A normalidade da distribuição dos casos é garantida quando o  $n > 30$  em cada um dos grupos, o nível de significância é de  $P < 0.05$  e os intervalos de confiança de 95% ou 99%, pois deste modo garantimos a fiabilidade do nosso trabalho científico (Leitão, 2002; Maroco, 2003; Pereira, 2004; Gageiro & Pestana, 2005).

## 8.6. Análise e Discussão dos Resultados

### 8.6.1. Influência da Idade na Paixão no Desporto e na Orientação Motivacional

#### **Análise Descritiva**

Na análise descritiva (ver Quadro 4) observámos estes valores médios: no grupo de atletas pré-adolescentes, temos para o Ego a média de (M=2,75; DP=0,69), na Tarefa têm (M=4,31; DP=0,49), PH temos valores médios na ordem de (M=5,90; DP=0,83), na PO a média é de (M=5,12; DP=1,18). Quanto aos adolescentes observa-se uma média (M=2,94; DP=0,84) de Ego, e de (M=4,11; DP=0,49) na Tarefa, já a PH temos valores médios na ordem de (M=5,50; DP=0,69), por fim vem a PO com (M=4,65; DP=1,09).

Em suma, existem indicadores médios, que os pré-adolescentes têm índices mais elevados na Tarefa, na PH e na PO, do que os adolescentes, sendo que estes têm valores mais elevados de Ego, do que os desportistas pré-adolescentes, porém só realizando a comparação das médias poderemos obter as respostas concretas se existem diferenças significativas nos grupos.

#### **Análise das Diferenças**

Verifiquemos então as diferenças médias significativas, nas variáveis dependentes Ego, Tarefa, PH, PO, entre os grupos de atletas pré-púberes e púberes, (ver Quadro 4).

No t-teste de student, que realizámos verificam-se diferenças nos grupos, nas seguintes variáveis dependentes: PH ( $t = -2,812$ ;  $p = 0,007$ ), na PO ( $t = -2,290$ ;  $p = 0,025$ ), na Tarefa ( $t = -2,314$ ;  $p = 0,022$ ), sendo que as médias entre os pré-adolescentes e adolescentes são consideradas diferentes e significativas, pois os pré-adolescentes apresentam valores médios de (M=5,90; DP=0,83), superiores aos adolescentes (M=5,50; DP=0,69) na PH, a inclinação para a PO também é maior nos pré-adolescentes (M=5,12; DP=1,18), do que nos adolescentes (M=4,65; DP=1,09), na Tarefa apresentam-se números médios de (M=4,31; DP=0,49), para os pré-adolescentes superiores aos valores dos adolescentes (M=4,11; DP=0,48).

Factores	(PA) (n=53) X±DP	(A) (n=67) X±DP	Valor t	Valor Variância Sig.	Igualdade Médias (PA) - (P)
<b>Ego</b>	2,75±0,69	2,94±0,84	1,319	0,288**	0,190**
<b>Tarefa</b>	4,31±0,49	4,11±0,48	-2,314	0,585**	0,022*
<b>Harmoniosa</b>	5,90±0,83	5,50±0,69	-2,812	0,025*	0,007*
<b>Obsessiva</b>	5,12±1,18	4,65±1,09	-2,290	0,309**	0,025*

Figura 6- Média, Desvio Padrão, Valor t, Variância e Significância e Igualdade de média

Alguns dos estudos consultados, parecem confirmar os nossos resultados, outros não.

De acordo com os autores Mageau, et al., (2011), referem haver médias de PH de (M=5,58) e de PO (M=4,14), assim a média de PH é significativamente superior à da PO, o que significa que nas dimensões avaliadas, os 172 estudantes, entre os 17 e 32 anos, sentiam PH com mais intensidade do que a PO, tal como sucede no nosso estudo. Na análise da investigação de Vallerand et al., (2003b), ocorreram diferenças significativas nos grupos para a PH (t=4,31; P=0,001), na PO não se observaram diferenças significativas (t=0,32), confirmando os nossos resultados no caso da PH, a amostra teve 205 atletas de futebol americano, com 18 anos de média nas idades dos desportistas. Por outro lado, Wang, et al., (2011), verificaram em 1074 estudantes, com idades entre os 12 e 14 anos, a existência da média (M=4,32) para a PH e de PO (M=3,42), o que reforça os resultados da nossa investigação devido à amostra ser tão alargada. Já Carpentier, et al., (2011), verificaram médias significativas de PH com (M=4,36) e de PO (M=2,20), em 40 jogadores de cartas, entre os 12 e 40 anos.

Segundo Boyce, et al., (2009), participaram 128 atletas estudantes, com uma média de idades situada nos 13 anos, que se orientavam motivacionalmente mais para a Tarefa (M=4,14), do que para o Ego (M=2,50), havendo diferenças significativas, tendo em conta que as idades se aproximam das existentes no nosso estudo, os resultados são similares. Em relação a Dorogi, et al., (2008), revelaram a existência de valores médios para o Ego com (M=3,46) e de Tarefa (M=3,28), em praticantes de desporto universitários húngaros, do género masculino, com média de idades média de (M=32,9), torna-se pertinente compreender que a idade, e a cultura, podem ser fatores de originaram a diferenciação, na comparação com os nossos resultados, confirmando-se

a tese, de que quanto mais o atleta aumenta de idade menor e a sua orientação para Tarefa.

## 8.6.2. Influência do Escalão de Formação na Paixão do Desporto e na Orientação Motivacional

### **Análise Descritiva**

Na análise ao pressuposto da homogeneidade das variâncias utilizámos o teste de Levene, a amostra em cada grupo como é maior que trinta assume-se que exista normalidade na distribuição (Maroco, 2003; Pereira, 2004; Gageiro, & Pestana, 2005).

Como as variâncias na Tarefa, PH e PO são iguais, só na dimensão Ego vamos usar os valores que não assumem as variâncias como iguais, todavia de acordo com Pestana e Gageiro (2005), como temos três grupos com uma amostra igual ( $n=40$ ) e acima dos trinta elementos o teste Anova (Quadro 5), para comparação de médias é suficientemente robusto, para que não haja violação da normalidade na distribuição. Assim vamos assumir que as variáveis dependentes, têm uma distribuição normal em todos os grupos, podendo desta forma avançar-se com a análise dos dados.

Também vamos realizar uma comparação de médias multivariada, fazendo uso do teste Tukey, no qual iremos verificar se existem diferenças significativas de médias de Ego, Tarefa, PH e PO, nos escalões (ver Quadro 6) (Maroco, 2003; Pereira, 2004; Gageiro & Pestana, 2005).

As médias e os desvios padrões dos fatores nos nossos grupos são descritas em seguida.

No Ego para os juniores C temos uma média de ( $M=2,72$ ;  $DP=0,68$ ), nos juniores B de ( $M=2,95$ ;  $DP=0,97$ ), nos juniores A verifica-se uma média de ( $M=2,90$ ;  $DP=0,65$ ), observando-se nos juniores B valor de média superior no Ego. No que se refere à Tarefa verificamos uma média de ( $M=4,31$ ;  $DP=0,45$ ), nos juniores C, nos juniores B temos valores de média de ( $M=4,36$ ;  $DP=0,43$ ), finalmente nos juniores A vê-se uma média de ( $M=3,93$ ;  $DP=0,44$ ); quanto à PH temos de média ( $M=5,94$ ;  $DP=0,79$ ), nos juniores C, nos juniores B obtemos uma média de ( $M=5,70$ ;  $DP=0,79$ ), nos juniores A vemos uma média de ( $M=5,40$ ;  $DP=0,66$ ), agora verificamos que a média é superior na Paixão Harmoniosa

no escalão de Juniores C, a última dimensão é a PO, com (M=5,13; DP=1,23), nos Juniores C, com média de (M=4,76; DP=1,20), atribuída aos Juniores B, nos Juniores A (M=4,72; DP=1,01), sendo que os juniores C os que têm mais valor médio de PO.

Em síntese, à medida que os atletas vão subindo de escalão e a sua idade aumenta, a sua intensidade de paixão e orientação motivacional diminui face ao desporto, ou seja, a sua envolvimento na prática desportiva, começa a ser menor.

### Análise das Diferenças

Agora vamos analisar se existem diferenças entre os valores de Paixão Harmoniosa e Obsessiva e na Orientação Motivacional (Ego e Tarefa) nos escalões, para tal se sucedesse foi utilizado o teste Anova (ver Quadro 5).

Na Tarefa temos valores de ( $P=0,000 < sig=0,05$ ), na Paixão Harmoniosa ( $P=0,006 < sig=0,05$ ), sendo que as médias entre os escalões são assumidas como distintas e estatisticamente significativas, são os juniores B, que demonstram maior valorização da orientação motivacional para a Tarefa com (M=4,36; DP=0,43), na variável dependente PH, vemos que, as médias nos grupos são consideradas estatisticamente significativas, verificando-se nos juniores C (M=5,94; DP=0,79) maior sentimento de PH.

Factores	Juniores C (n=40) X±DP	Juniores B (n=40) X±DP	Juniores A (n=40) X±DP	Anova Sig.	Teste Levene Homogeneidade Variâncias
Ego	2,72±0,68	2,95±0,97	2,90±0,65	0,372**	0,005*
Tarefa	4,31±0,45	4,36±0,43	3,93±0,44	0,000*	0,957**
Harmoniosa	5,94±0,79	5,70±0,79	5,40±0,66	0,006*	0,214**
Obsessiva	5,13±1,23	4,76±1,20	4,72±1,01	0,212**	0,204**

\*  $P < 0.05$  – Médias e variâncias diferentes nos grupos  
 \*\*  $P \geq 0.05$  – Médias e variâncias iguais entre os grupos

Figura 7- Média, Desvio Padrão, Variância e Significância Anova nos escalões competitivos

De acordo com Rodrigues et al., (2009), em alpinistas de ambos os géneros, com 20 e 61 anos de idade, não se verificaram diferenças significativas na Tarefa ( $P=0,586$ ), devido à população e a idade serem distintas da nossa.

Em relação à investigação de Lavoie e Stellino (2008), em 259 atletas de hóquei no gelo norte americanos, com médias (M=12,74) de idade, divididos em grupos por

escalões, vimos resultados médios significativos de Tarefa com (M=4,24), muito aproximados dos nossos valores de media.

No estudo de Vallerand et al., (2003), verificaram-se diferenças significativas para a PH (t=4,31; P=0,001), nos grupos em 205 atletas de futebol americano, com uma média de 18 anos, resultados que confirmam os nossos resultados, dado a idade dos praticantes ser muito aproximada.

Em relação a Curran, et al., (2011) verificaram-se índices médios significativos de PH (M=5,48), em 149 jovens atletas praticantes de futebol, com média de idade de 16 anos. O que proporciona maior sustentabilidade em relação às hipóteses formuladas na nossa investigação.

Em suma a maioria dos resultados das investigações aqui mencionadas, são similares aos da nossa investigação.

#### **Análise Multivariada das Diferenças**

Este teste Post Hoc, servirá para compreendermos claramente as diferenças entre escalões, no que se refere às variáveis dependentes (ver Quadro 6).

Na Tarefa temos valor de (P=0,000< sig=0,05), sendo que as médias são diferentes significativamente entre juniores A e B, apresentando os juniores B (M=4,36; DP=0,43), também existem diferenças significativas entre juniores A e C (P=0,001<sig=0,05), pois as médias são estatisticamente diferentes e significativas, os juniores C (M=4,31; DP=0,45), demonstram maior orientação motivacional para a Tarefa; quanto à variável dependente PH, verificam-se valores entre os juniores A e C de (P=0,004<sig=0,05), sendo que as médias são estatisticamente significativas, e os juniores C (M=5,94; DP=0,79), sentem mais Paixão Harmoniosa.

<b>Variável Dependente</b>	<b>Escalão Competitivo</b>	<b>Escalão Competitivo</b>	<b>Diferenças Médias</b>	<b>Sig.</b>
<b>Tarefa</b>	Junior C	Junior A	,37857	,001*
	Junior B	Junior A	,42143	,000*
<b>Harmoniosa</b>	Junior C	Junior A	,54949	,004*

\* P<0.05 – Médias diferentes nos grupos

*Figura 8- Múltiplas comparações de médias significativas nos escalões*

As várias investigações consultadas vão ao encontro dos nossos resultados, mesmos tendo sido aplicados em diferentes populações e desportos.

De facto, segundo o estudo de Gomes (2006), verificaram-se diferenças significativas na Tarefa ( $P=0,02 < sig=0,05$ ), entre atletas de futebol dos escalões Juniores B ( $M=4,08$ ) e A ( $M=4,23$ ), é bom verificar que os juniores A têm uma média superior aos juniores B, facto que pode ter ocorrido devido a termos agrupado atletas de futsal e de futebol na nossa amostra e este estudo ser unicamente em atletas de futebol.

Num estudo de Figueiredo, et al., (2009), os participantes teriam entre os 11 e 14 anos, foram comparados diferentes escalões (11-12) juniores D e juniores C (13-14), em futebol, para saberem qual era a sua orientação motivacional, observaram-se diferenças significativas no Ego ( $F=4,91$ ;  $P=0,01$ ), e médias nos juniores D de Ego ( $M=2,0$ ) e Tarefa ( $M=4,3$ ) e nos juniores C no Ego ( $M=1,8$ ) e ( $M=4,2$ ) na Tarefa, verificando-se médias superiores de Tarefa em relação ao Ego. Estas médias reforçam a ideia, que em populações mais jovens a orientação motivacional para a Tarefa é elevada.

Finalmente verificou-se média de ( $M=4,92$ ) na PH, foram 190 a população do estudo, a média de idades foi de 22 anos (Halvari, & Skjekol, 2009).

A apresentação de resultados e a sua discussão termina neste preciso momento.

<https://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/1072/2/Tese%20Mestrado%20-%20PauloTeixeira.pdf>